



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

TEXTO DE DISCUSSÃO Nº 20

**UMA APOSTA NO FUTURO: A CRISE DA
CIVILIZAÇÃO E AS NOVAS DEMANDAS
NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO**

SAMUEL COSTA FILHO

NOVEMBRO/2011

TEXTO DE DISCUSSÃO

Ano10 – nº 20 – Novembro/ 2011

Reitor da Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Luiz de Sousa Santos Junior

Diretor do Centro de Ciências Humanas e Letras

Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco

Chefe do Departamento de Ciências Econômicas

Prof. MSc. João Soares da Silva Filho

Coordenadora do Curso de Ciências Econômicas

Prof. MSc. Janaina Martins Vasconcelos

Editado pelo DECON

Responsável

Econ./DECON MSc. João Soares da Silva Filho

Conselho Editorial

Prof./DECON Esp. Luiz Carlos Rodrigues Cruz “Puscas”

Prof./DECON Dra. Maria do Socorro Lira Monteiro

Prof./DECON Dr. Solimar Oliveira Lima

Prof./DECON Dr. Antônio Carlos de Andrade

Prof./DECON MSc. Francisco Prancacio Araújo de Carvalho

FICHA CATALOGRÁFICA

Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Piauí
--v.1, n.20, A.10 (novembro/ 2011) – Teresina: UFPI, 2009 – ISSN 1678- 1988

1.Economia – Periódicos

CDD 330.05

UMA APOSTA NO FUTURO: A CRISE DE CIVILIZAÇÃO E AS NOVAS DEMANDAS NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO.

Samuel Costa Filho¹

Resumo: O presente artigo trata da questão da crise do capitalismo global, representando não apenas a sua face econômico-financeira, mas se constituindo uma verdadeira crise da civilização capitalista. Na crise do capital financeiro, as medidas de socorro do Estado impediram sua solução definitiva em curto prazo, devendo esta atual crise permanecer por um longo período. Finalizando, o artigo apresenta o ponto de vista do capital como entidade flexível, dinâmica e pujante que deverá encontrar saída dessa crise de civilização, utilizando, inclusive, os problemas ambientais e a deterioração da natureza como meios para iniciar um novo ciclo de expansão.

Palavras-chave: Crise global. Capitalismo. Estado.

Abstract: the present article is about the matter of the global capitalism crisis, showing not only its financial-economic face, but forming a real capitalist civilization crisis. In the financial capital crisis, the Government aid prevented its definitive solution in the short term, and this crisis should stay for a longer period. In the end, the article presents the capital point of view as a flexible entity, dynamic and thriving that should find a way out of this civilization crisis, using even the environmental problems and the deterioration of nature as means to initiate a new expansion cycle.

Keywords: Global crisis. Capitalism. State.

¹ Professor Adjunto do Departamento de Ciências Econômicas/UFPI, Mestre em Economia (CAEN/UFC) e Doutorando em Políticas Públicas (UFMA)

1 INTRODUÇÃO

O estrago feito pela restauração liberal-conservadora e as transformações provocadas pela dinâmica financeiro-rentista levaram a uma crise econômica mundial. O Estado capitalista, diante da gravidade da crise provocada pelo capital financeiro, imediatamente assumiu seu papel de defensor da acumulação, adiando o aprofundamento, prolongando o desfecho final da crise. Dessa forma, o Estado assumiu o ônus e socializou os prejuízos do capital.

Acontece que os problemas do capitalismo global revelam-se mais grave do que a questão da crise econômica. A sociedade global apresenta uma “Crise da Civilização Capitalista”, crise do modo e do estilo de vida assentada no desperdício e no excesso, que disseminou o consumismo, esbanjamento, estragando água, degradando a natureza e abusando no uso de energia altamente poluidora e degradante que ameaça a existência da humanidade.

Essa crise fortifica o ponto de vista que revela o impasse em que se encontram as diversas nações do planeta, necessitando criar uma saída salvadora que pode redesenhar a história da humanidade, mas, por outro lado, o capitalismo pode continuar e manter a atual dinâmica perdulária, agravando a questão ambiental e as condições de sobrevivência dos seres humanos, em decorrência dos problemas energéticos, climáticos, e do aquecimento global.

Uma perspectiva otimista acena com a possibilidade de no pós-crise ocorrer grandes mudanças com a criação de um “Mundo Novo”, com mais regulação, coordenação, cooperação, mais “Governança Global”, e até com a construção de um “*Green States*”. O objetivo desse artigo é questionar o surgimento desse “Novo Mundo” fora dos marcos do capitalismo, por acreditar que, embora os Estados possam contribuir para a dinamizar o sistema de acumulação capitalista, o capital é por demais dinâmico e flexível, devendo encontrar sua própria saída, iniciando uma nova fase de acumulação.

Para este fim, o artigo inspira-se na dialética e na história para compreensão da essência das questões da nossa civilização. Após esta introdução, o ponto seguinte apresenta o discurso e algumas interpretações da crise econômica e ambiental em nível global. Na terceira seção, realiza uma abordagem crítica sobre as temáticas de crise, ressaltando que a atual representa muito mais que uma crise econômica, sendo antes de tudo uma “Crise da Civilização Capitalista”; entretanto,

esta crise não aponta para o fim do modo de produção capitalista, mas sim para um período de estagnação prolongado, até que o capitalismo aproveite a “Onda Verde” para fazer negócio, acumular capital e ganhar dinheiro. Finaliza, apresentando uma conclusão preliminar.

2 UMA VISÃO PARCIAL DA CRISE GLOBAL E CRISE ECOLÓGICA

A mudança na dinâmica do capitalismo global a partir das últimas três décadas do século passado levou a diferentes interpretações desse fenômeno por parte de economistas, sociólogos, historiadores e demais cientistas sociais, aliada a uma ampla defesa desse processo por parte da grande mídia. Diversas teorias investigando essa nova realidade davam conta de esclarecer os movimentos na lógica e direção do capitalismo globalizado. As interpretações hegemônicas pregam que a terra mundializou-se de tal maneira que passou a existir uma sociedade global.

Uma diversificada bibliografia sobre o tema globalização criou metáforas e expressões tentando dar conta das implicações desse processo na busca de descrever e interpretar essa realidade. Os termos tais com “Aldeia Global”, “Fábrica Global”, “Economia-Mundo”, “Nova Babel”, “Shopping Center Global”, “Capitalismo Global”, “Mundo sem Fronteiras” etc. passaram a ser constantes no noticiário, pregando e difundindo as vantagens dessa dinâmica do capital, que levaria a um harmonioso processo de desenvolvimento.

O processo de globalização foi difundido pelos teóricos liberais e empregado, constantemente, associado às vantagens da eficiência e ao dinamismo da economia de mercado, da vitória do capitalismo e do liberalismo, descrito pela mídia como um fenômeno natural, positivo e inevitável, ou seja, desejável e bem-vindo.

Acontece que este desenvolvimento e progresso ocorreram nos marcos do capitalismo, com este processo aprofundando e dinamizando o mundo da mercantilização, individualista, socialmente injusto e cínico da acumulação capitalista, que não se preocupa com a função essencial de assegurar a todos os seres humanos os bens e serviços necessários à sua existência, como também não tem compromisso com a questão ambiental (HOUTART; POLET, 2002).

O capitalismo assentado nos princípios da acumulação capitalista dava início a uma nova fase com dinâmica na forma e na lógica do capital rentista, onde a

sociedade passou a ter sua essência comandada pelo ganho financeiro, que, em maior proporção do que o capital industrial, não pode levar à harmonia e melhoria em nível mundial, mas, principalmente, agrava as enormes deficiências que são características desse sistema.

Esta nova dinâmica do capital logo assustou até antigos doutrinados, que ao tomar consciência da diferença radial entre o mito e a realidade capitalista, passaram a ter uma atitude de indignação e crítica. Essa foi a atitude de Korten (2001, p. 13), que afirma:

O capitalismo venceu o comunismo nos anos 80. Nos anos 90, venceu a democracia e a economia de mercado. Para quem como eu que cresceu acreditando que o capitalismo é o alicerce da democracia e da liberdade de mercado, foi um choque acordar para o fato de que, sob o capitalismo, a democracia é objeto de leilão e o mercado está sujeito ao planejamento centralizado de mega-corporações globais, maiores que a maioria dos países.

A economia dita “Moderna”, a ortodoxia, a única a se autodeterminar científica, especializou-se em realizar uma construção ilusória desse novo capitalismo. Todavia, nessa complexidade material chamada capitalismo global continuou predominando a lógica da maximização do lucro e a procura por mais dinheiro. Usar dinheiro para ganhar mais dinheiro, para e pelos que já possuem bastante dinheiro. Nessa realidade, os custos desse processo continuaram sendo repassados para a classe trabalhadora e para o Estado e, este último, ao internalizar os custos, aplica medidas de socializar os prejuízos com o público em geral.

O papel do governo na fase de capitalismo financeiro foi proteger os interesses dos grandes capitais, disciplinando a concorrência, controlando a mão de obra, subsidiando os investimentos, fornecendo crédito, socorrendo o capital financeiro em dificuldade etc. Todas essas medidas ocorrem para viabilizar a globalização, apresentada como um processo de harmonia e convergência entre os países, mas respaldando a expansão do sistema interestatal capitalista, sob a proteção da ideologia liberal-conservadora (FIORI, 2009).

Embora sob nova roupagem, o capitalismo, sob o império dos Estados Unidos da América (EUA), passou a comandar toda a dinâmica financeira de desperdício, de concentração da riqueza, de exploração da classe trabalhadora e da natureza, dos países subdesenvolvidos e de suas matérias-primas, criando maior exclusão e

agravando o risco ambiental. Dessa maneira, esse sistema, nesta fase, não somente não eliminou seus defeitos congênitos, como essa nova dinâmica do processo chamado de globalização ampliou e potencializou muitas contradições que provocaram crises periódicas diversas, até a grave crise global iniciada em 2007.

Em meio a este impasse mundial, aparecem matrizes e opiniões diversas a respeito das tendências futuras, ressaltando a necessidade do fim do mundo passado e, principalmente, a oportunidade ou o início de construção de novos caminhos, devido à gravidade do atual convívio dos seres humanos com o planeta terra. O problema é que:

O mundo avança gradualmente no que tem sido caracterizado como catástrofe em câmara lenta (slow motion catastrophe), e os ajustes necessários no coração mesmo das formas de administrarmos a economia ainda estão engatinhando. Assustados com a acumulação e superposição de tendências críticas, os povos buscam de certa maneira voltar ao limbo do que funcionou no século passado, e temem naturalmente os transtornos. Gera-se um tipo de inércia institucional cada vez mais perigosa. Inovar é preciso (DOWBOR, 2011, n.p.).

Por outro lado, existem autores que criticam o mundo comandado pelo capital financeiro e pela lógica neoliberal conservadora devido aos riscos para a humanidade em decorrência dos danos ecológicos e dos efeitos dos desequilíbrios e das mudanças climáticas, dos excessos da degradação e da falta de medidas adequadas de defesa do meio ambiente. As suas análises acrescentam, ainda, a crise global iniciada em 2008 e, dados os enormes e irrefreáveis efeitos de desemprego, falências, elevadas dívidas dos Estados centrais, mostrando que a lógica do capitalismo financeiro e o neoliberalismo estão mortos. A partir de agora devemos ser otimista e começar a construir um “mundo novo”.

Neste quadro, o jornalista do *Wall Street Journal*, Thomas L. Friedman (2010), constata que a realidade atual revela um mundo quente (aquecimento global), plano (mais justo e mais confortável) e lotado (elevada população de consumidores), com um estilo de desenvolvimento baseado em uma atitude perdulária e hedonista, com elevada demanda de produtos naturais, de matriz energética que ocasiona a degradação da biodiversidade e que tem provocado dramáticas mudanças climáticas, decorrentes do modelo de vida americano típico da “Geração

Gafanhoto”.² Urge a reconstrução do país, com um modelo econômico baseado no trabalho, no desenvolvimento tecnológico, na criatividade, na prosperidade e ecologicamente sustentável, renovável, saudável, seguro e justo.

Nessa mesma linha, Jared Diamond (2005)³ também questiona quão frequentemente, tanto no passado como no presente, determinadas sociedades tomaram e tomam decisões desastrosas, que às vezes levam à sua falência, de modo que também constata e prega a necessidade de mudança e a defesa da “Mãe Natureza”. Finalmente, John Barry e Robyn Eckersley (2005) constatam também a grave “Crise Ecológica Global” e o problema da questão ambiental, para defender a criação e atuação de um “Estado Ecológico” que objetive regular a sociedade e em defesa da questão ambiental, tanto em âmbito nacional quanto no nível internacional, colocando o meio ambiente como núcleo das suas atividades.

Assim, os citados autores revelam que a crise global mostra que o estilo de crescimento mundial é desestabilizador, tanto para o mercado, quanto para a denominada “Mãe Natureza”, estando a humanidade necessitando resolver, não somente o problema da crise econômico-financeiro global, mas, acima de tudo e com maior pressa ainda, combater e procurar ativar soluções para os graves problemas energéticos e ambientais. Faz-se urgente desenvolver alternativas tecnologias e soluções políticas para enfrentar estes grandes e graves problemas que ameaçam a própria sobrevivência da população mundial.

Muito embora estes autores tratem de graves e fundamentais problemas para o futuro da humanidade, utilizam uma perspectiva que não guarda conexão para compreender e explicar a dinâmica da sociedade atual capitalista,⁴ dado que está desligada da história, da dinâmica e da lógica desse modo de produção, principalmente nessa fase da história da disputa do capitalismo global que levou a esse impasse que se encontra a humanidade, às voltas com a urgente necessidade

² Segundo Friedman (201), o termo foi inspirado pelo escritor Kurt Andersen em ensaio dedicado a era de excessos da geração americana atual que devora indevidamente os recursos e o mundo natural, deixando imensos *deficits* financeiros e ecológicos para a próxima geração.

³ Livro que apresenta exemplos de sociedades que não conseguiram prever o grave problema e a necessidade de sociedades e indivíduos para ser bem-sucedidos, ter coragem de tomar decisões difíceis e sorte de ganhar suas apostas, com o que revela o mundo no que diz respeito aos seus problemas ambientais.

⁴ Para tanto, faz-se necessário uma abordagem como a da afirmação de Boltanski e Chiapello (2009, p. 51): “as mudanças do espírito do capitalismo acompanham, assim, modificações profundas das condições de vida e trabalho”.

de reorganização tecnológica, financeira, ética e ecológica vitais para o futuro do planeta e da própria raça humana.

Existe um debate em que alguns estudiosos apresentam a crise financeira global decorrente da falta de moralismo nas práticas do setor financeiro e bancário, e de outros que acrescentam a falta e a falha de regulamentação por parte do Estado. O professor de Harvard Dani Rodrik (FUCS, 2010) constata que predominou o que ele denomina de “Hiperglobalização”, centrado na abertura comercial e financeira, que chegou a ameaçar a democracia e a soberania das nações. E Rodrik esclarece que os países que se deram melhor nessa competição global foram os que se integraram gradualmente na economia mundial, utilizando as políticas industriais e comerciais para diversificar sua economia.

Nesta linha, Bremmer (2010) procura mostrar como o “Capitalismo de Estado” será uma marca da geopolítica pós-crise financeira, mostrando que os governos que usaram as políticas e as empresas estatais ganharam a disputa interestatal capitalista tanto no campo econômico como no político, o que incentiva o desenvolvimento de uma sociedade com grau menor de liberdade e maior controle sobre a atuação e atração de empresas e capital das transnacionais.

Dado que o Estado no capitalismo atende aos princípios da acumulação e da legitimação, a resposta conservadora na política dos principais Estados capitalistas procurou apenas estabilizar a crise econômico-financeira, não eliminando minimamente os graves problemas por que passa o capitalismo mundial. O sistema financeiro mundial, sentindo-se novamente fortalecido, já voltou a comandar a economia de cassino. Os conservadores dominaram os governos na Europa e o Congresso americano,⁵ estando a utilizar políticas retrógradas e conservadoras, reduzindo o poder de intervenção do Estado e aumentando as incertezas econômicas, ecológicas, sociais e políticas em nível mundial, que devem provocar mais danos.

Simon Johnson (2011) mostra como Mervyn King e seus colegas do Banco da Inglaterra têm vivido o que denominam “Ciclo Apocalíptico”. Nesse “ciclo”, o sistema financeiro, ao entrar em dificuldade, e devido aos bancos serem considerados

⁵ O economista Paul Krugman tem-se notabilizado pelo combate às propostas, planos e ações dos conservadores e da bancada de republicanos na Câmara, que considera, no mínimo, radical e cruel. Mesmo diante da crise e do fracasso, tem mostrado como é estranho o triunfo de ideias fracassadas. Krugman (2011) apresenta como os fundamentalistas do livre-mercado estavam errados a respeito de tudo e como, entretanto, estes liberais continuam a dominar o cenário político americano.

grandes demais para falir, acabam recebendo grande apoio e aporte de recursos dos bancos centrais e dos governos. Esta atitude limita os prejuízos dos acionistas e protege os credores dos bancos, mas, ao mesmo tempo, eleva o incentivo para que a banca dê continuidade ao processo de financiar suas atividades com alavancagem muito mais elevada, ou seja, pouco capital e muita dívida, o que é terrível para os contribuintes e para a sociedade como um todo, que acabam arcando com os enormes custos quando aparecem as crises.

Como afirma Simon Johnson (2011, p. 2): “Nos EUA, os custos incluem mais de 8 milhões de empregos perdidos desde 2007, em aumento de cerca de 40% da dívida pública em relação ao PIB (principalmente devido à perda de receitas fiscais) e muito mais”. Todavia, alerta: “o ciclo apocalíptico não é, absolutamente, um ciclo. Na verdade, ele acaba desaguando, como já aconteceu – e esse é apenas o começo da história – na Islândia, Irlanda e Grécia” (JOHNSON , 2011, p. 3).

Todas as questões apresentadas fazem parte de uma “Crise da Civilização Capitalista”, que representa o início do colapso da fase financeiro-rentista, mas não do próprio sistema capitalista. Como os governos socializaram o ônus com a população, essa crise do capital, entretanto, deverá levar a um desempenho econômico sofrível do capitalismo por muitos anos, sem que isso signifique sempre a ocorrência de taxas de crescimento negativas. Este período apresentará um processo com sucessão de períodos de recessão, estagnação econômica, intercalada com crescimento econômico, que logo recuará drasticamente.

3 UMA APOSTA NO FUTURO: ABORDAGEM DIALÉTICA DO PROBLEMA GLOBAL

No capitalismo globalizado, cada vez mais, a realidade econômica, social e política só atinge as consciências dos indivíduos de maneira deformada, fazendo com que se confunda causa e efeito. Nesse processo, as pessoas comuns são levadas a ter uma concepção totalmente errônea dos fenômenos. Desse modo, fica difícil o indivíduo compreender as verdades. Nessa realidade, a mídia dominante atua na sociedade com um impressionante poder, submetendo os indivíduos a uma verdadeira lavagem cerebral, apresentando e difundindo cultura, alienação e desesperança, e não possibilitando a maioria dos indivíduos desenvolver um mínimo de capacidade e consciência crítica de pensar livremente.

Todavia, mesmo diante do predomínio do pensamento pós-moderno, do individualismo, do domínio da ciência neutra, da formação de consensos, pensar é mais que nunca necessário e fundamental. Deixar de fazê-lo é renunciar à capacidade humana de melhorar e decidir sobre como será o futuro da humanidade e como contribuir para a construção de um futuro melhor para si próprio e para os povos da Terra.

É bom lembrar que a crise é uma velha conhecida do capitalismo. As crises sempre estiveram presentes em diferentes momentos da história desse sistema; e representam o momento em que o capital reivindica a solução de suas contradições e em que o mundo capitalista entra em colapso, devido este sistema ser baseado na concorrência desregrada, sem limites, sem restrição, num processo incessante de acumulação.

A social-democracia tentou humanizar o capitalismo ao construir uma perspectiva de capitalismo socialmente justo, permitindo que este sistema produzisse políticas de defesa da sociedade, da classe trabalhadora, de direitos de aposentadoria etc. dentro dos marcos do capitalismo. A crise dos anos 1970 pôs fim a esta utopia burguesa, e ocorreu o retorno do predomínio dos marcos conservadores e liberais, que redundaram em aprofundamento das desigualdades e no retrocesso no atendimento das demandas e prioridades sociais.

Na fase atual, a busca do excedente, do lucro e do ganho financeiro criou uma contradição entre real e fictício, dada a busca do lucro em atividades especulativas que permitem lucros fáceis, insaciáveis, gerando, contudo, um processo de autodestruição, que levaria, inevitavelmente, à crise da economia, quer seja o capitalismo regulado pelo Estado ou não, dado que o capital atingiria os seus limites e o processo de acumulação rentista entraria em crise.

Na atualidade, não existe alternativa em andamento ou projeto de um outro modelo de sociedade que sirva de referência e contraponto ao sistema capitalista. Ao mesmo tempo, a disseminação desse modelo de crescimento econômico em quase todo o mundo revela que o planeta Terra não tem condições para suprir todas as demandas e as necessidades que o capital reivindica. O planeta Terra está rompendo o seu limite no uso de seus recursos. A “Mãe Natureza” não suportará fisicamente um crescimento exponencial, como o em torno de 4% a 5 % apresentado nos últimos anos antes da crise, de modo que o Produto Interno Bruto

(PIB) mundial, de 70 trilhões de dólares, passará de 140 trilhões antes de 2020 e atingirá 280 trilhões antes de 2050.

Jaffrey Sachs (2011, p. 3) chega a imaginar que:

Se a ganância vencer, a máquina do crescimento econômico depredará os recursos, deixará os pobres de lado e nos conduzirá a uma profunda crise social, política e econômica. A alternativa é um paradigma de cooperação social e política, tanto no interior dos países, como internacionalmente. Haverá recursos suficientes e prosperidade para seguir em frente, se convertermos nossas economias em fontes renováveis de energia, em práticas agrícolas sustentáveis e numa taxação razoável dos ricos. Este é o caminho da prosperidade compartilhada, por meio do avanço ecológico, da justiça política e da consciência ética.

Todavia, é importante compreender que não está ocorrendo apenas uma crise financeira e ecológica; são múltiplas as crises que a humanidade enfrenta na segunda década do século XXI. Crises no aspecto econômico-financeiro, na geopolítica, no campo militar, na área de energética, a crise alimentar, a grave crise ecológica, crise na questão de uma falta de ética sem precedentes e também crise no campo social. Todo este contexto decorre do próprio desenvolvimento do capitalismo, principalmente ao longo das quatro últimas décadas, revelando tratar-se de uma “Crise da Civilização Capitalista” (DIERCKXSENS et al., 2010).

Nas últimas décadas, aprofundaram-se características da gênese do capitalismo, sistema que prometia entregar à humanidade liberdade, igualdade e fraternidade. Este lema do Iluminismo, todavia, é incompatível com a ótica da racionalidade capitalista e da dinâmica do capital, que não permite nem pode assegurar paz, democracia, liberdade, justiça, de modo a proporcionar dignidade humana e progresso num contexto de harmonia entre os seres humanos e o planeta.

Nesse mundo, as transformações apontadas por Jeffrey Sachs são incompatíveis, dado o marco da competição capitalista global. Na crise financeira, o Estado continua mostrando ser uma instituição poderosa que impediu e não possibilitou o agravamento rumo a uma depressão, mas não representa uma força que possa confrontar os interesses antagônicos e globais dos diversos blocos de poder do capital. O desenvolvimento do capital, na etapa de dominância financeira, inevitavelmente, agravou as contradições inerentes ao modo de produção capitalista, momento a contradição na questão da órbita produção *versus*

apropriação de riqueza, a que essa fase rentista e parasitária em nada contribuiu para produção do excedente (CARCANHOLO, 2011).

Entretanto, a “Crise da Civilização Capitalista” não levará ao fim do capitalismo. Este modo de produção é altamente dinâmico, flexível e pujante e não desaparecerá tão cedo. Muito pelo contrário, ao sobreviver, deverá inevitavelmente se reconstruir sobre novas bases e a humanidade ainda padecerá por muito mais tempo de seus males, devendo, inclusive, esse sistema, aproveitar as suas deficiências e as questões ambientais e a degradação do meio ambiente para impulsionar um novo processo de acumulação de capital e gerar lucros em novos negócios.

O fim dessa etapa especulativa e parasitária do capitalismo levará inicialmente ao incremento do desemprego, uma maior precarização do trabalho, com agravamento da superexploração, ao aumento do trabalho não assalariado e marginalizado, à redução dos gastos sociais do Estado, redução dos “privilégios” dos funcionários públicos e dos direitos sociais, elevação da idade de aposentadoria da força de trabalho.

Conforme já afirmado, nos marcos do capitalismo atual, não existe possibilidade de uso em grande escala de tecnologias e recursos renováveis, por falta de possibilidade de mudança na matriz energética em curto ou médio prazo, que permitam e viabilizem um desenvolvimento econômico e ambiental harmonioso da humanidade, compatíveis com os interesses econômicos que estão disputando o controle e domínio do planeta.

Assim, não existem ainda bases para se pensar na criação de um “Novo Mundo”. Revelam-se ser falsas as esperanças otimistas de realização de futuras políticas de desenvolvimento sustentável e de política de defesa de um “Estado Verde” em prol do planeta, dado que o sistema capitalista não criou as condições necessárias para dar um salto para esta nova etapa.

O sistema capitalista continua dominante e as respostas e políticas, além de apresentar conteúdo conservador, ainda são comandadas pela lógica das decisões do capital e dos Estados mais poderosos em nível mundial, não possibilitando uma lógica do “crescimento estacionário” como defesa da natureza, pois suas bases fundamentais são as da acumulação constante de capital.

Boltanski e Chiapello (2009, p. 35), mesmo utilizando o método weberiano, compreendem a impossibilidade de crescimento estacionário no funcionamento do capitalismo, ao perceberem que:

Entre as diferentes caracterizações do capitalismo (ou, freqüente hoje, dos capitalismo(s)) feitas no último século e meio, escolheremos uma fórmula mínima que enfatiza a exigência de acumulação ilimitada do capital por meios formalmente pacíficos. Trata-se de repor perpetuamente em jogo o capital no circuito econômico com objetivo de extrair lucro, ou seja, aumentar o capital que será, novamente, reinvestido, sendo esta a principal marca do capitalismo, aquilo que lhe confere a dinâmica e a força e transformação que fascinaram seus observadores, mesmo os mais hostis.

O processo de acumulação de capital, a partir dos anos 1980, revelou a predominância do capital financeiro em uma atividade frenética de especulação, que superou em muito os investimentos produtivos, e difundiu a ideia de que o trabalho teria perdido a centralidade, com o predomínio da tecnologia, da informação e do mundo do conhecimento. Diferente da maneira com foi apresentada pela ortodoxia e pela crítica heterodoxa, a política e a cultura amoral do sistema financeiro não representam um desvio de conduta e, muito menos, um problema surgido do modo de vida da geração dos *baby boomers* americanos, como salienta Thomas L. Friedman. Trata-se de característica do capitalismo que, com a política de desregulamentação, ganhou mais liberdade para se legitimar, de modo que apenas ficou transparente nas últimas décadas. Como a crise infelizmente não acabou e continuará por muito tempo, o quadro atual trata apenas do início do processo de colapso de uma etapa específica (financeiro-rentista) do capitalismo fictício (CARRCANHOLO, 2011).

No passado, os impérios, a exemplo do romano e da Europa moderna, usaram as conquistas militares para comandar o planeta, criando uma governança Global. No capitalismo, a expansão competitiva dos Estados-econômicos nacionais europeus criou impérios e internacionalizou a economia capitalista para colonizar novas terras e para se apropriar dos seus recursos, facilitando a transferência de renda e propriedade. No final do século XX, o capital utilizou a política neoliberal para iniciar um processo consentido de anexação das economias periféricas e de aprofundamento da dependência econômica, sob nova dinâmica (FIORI, 2009).

O neoliberalismo representou um processo em que o capitalismo financeiro engendrou um processo de acumulação rentista e uma dinâmica econômica

objetivando controlar o excedente econômico e as poupanças nacionais, controlar a oferta de matérias-primas (*commodities*) e a infraestrutura básica dos países da periferia, usando as políticas recomendadas pelos principais organismos internacionais: Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial (Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento - BRID) e Organização Mundial do Comércio (OMC).

Pela via do Consenso de Washington, os países desenvolvidos obtiveram a transferência financeira de recursos, contando com a atuação de seus bancos comerciais e das políticas econômicas impostas pelos próprios bancos centrais destes países, alcançando pacífica e voluntariamente a transferência de recursos dos países devedores. Com este mecanismo, os países da periferia concederam sua soberania sobre suas medidas de política econômica, financeira e fiscal, e foram obrigados até a vender a sua infraestrutura pública para os capitalistas estrangeiros (HUDSON, 2011).

Nesse processo, o modo de produção capitalista, em qualquer de suas vertentes (liberal americano, europeu ou asiático), elevou ainda mais a desigualdade incorrigível do capitalismo e agravou sua má orientação da produção (gastos com armamentos, elevados recursos para o capital especulativo). O sistema provoca desperdício de muitos dos seus recursos (questões de meio ambiente), apresenta grave problema de distribuição, visto que ao lado de amplas necessidades por satisfazer (saúde, saneamento básico, habitação), encontram-se meios de produção ociosos e desemprego grave e crônico (tanto nos países desenvolvidos como nos países subdesenvolvidos) e esbanjamento por parte de uma minoria de privilegiados.

Boltanski e Chiapello (2009, p. 38) percebem o funcionamento contraditório do capitalismo:

O capitalismo, sob muitos aspectos, é um sistema absurdo: os assalariados perdem a propriedade do resultado de seu trabalho e a possibilidade de levar uma vida ativa fora da subordinação. Quanto aos capitalistas, estão presos a um processo infundável e insaciável, totalmente abstrato e dissociado da satisfação de necessidades de consumo, mesmo que supérfluas. Para esses dois tipos de protagonistas, a inserção no processo capitalista carece de justificação.

Dessa forma, não deve ser novidade que, mesmo globalizado, o capitalismo continua produzindo, de um lado, uma minoria privilegiada e, no outro extremo, e na sua grande maioria, produzindo miséria, exclusão social, injustiça e fome. Convém lembrar que, mais que nunca, no capitalismo, os empresários capitalistas produzem objetivando, e cada vez mais, o lucro e não atender às necessidades e interesses da sociedade. Nessa sociedade, as influências do “efeito demonstração”, da “moda” e da “publicidade” convertem, cada vez mais, uma quantidade enorme de produtos e serviços supérfluos em “necessidades”.

A propaganda e a publicidade são constantemente manipuladas pelas “mentes brilhantes” no campo do *marketing*, objetivando elevar a demanda desses produtos “supérfluos” e até induzindo os consumidores a escolher produtos nocivos, poluidores e até antiéticos, como cigarro, bebidas, drogas, filmes de violência, bingos e jogos, produção de armas, revistas pornográficas e programas de televisão sobre violência, músicas de gostos duvidosos, automóveis, celulares etc.

Nos países da periferia, a utilização e justificativa dessas políticas econômicas liberais e o processo de globalização serviram aos interesses das elites conservadoras e reacionárias e aos setores “modernos” com interesses ligados ao exterior, a ponto de levar ao esquecimento de que o mundo continua capitalista e que nesse processo de globalização financeira ocorreu o agravamento de vários defeitos congênitos do sistema capitalista; mesmo diante de recomendações de política econômica dos países desenvolvidos, inviabilizam o desenvolvimento dos países emergentes que seguiam suas recomendações e a dos principais organismos internacionais, a elite seguiu à risca o famoso “dever de casa”.

Nesses países atrasados, o consumismo revela-se mais grave devido ao consumo imitativo e à importação de bens de consumo de luxo e supérfluos pelas elites aculturadas. Essa atitude representa para esses países uma drenagem de divisas que diminui em muito a capacidade de importação de máquinas, equipamentos e tecnologia necessários ao desenvolvimento econômico. Todavia, por outro lado, essa mesma elite e seus escudeiros, os “falcões do orçamento” combatem as políticas de intervenção do Estado buscando o desenvolvimento econômico, como também a política de combate à exclusão social e à miséria, através de discurso veemente contra o aumento do gasto social (saúde, previdência, educação), justamente os que são realizados em benefício dos indivíduos mais carentes.

Os principais meios de comunicação utilizam política e a prática de lavagem cerebral atacando constantemente a ineficiência da administração pública, o peso excessivo do Estado, os “privilégios” dos funcionários públicos e a elevada carga tributária. A grande mídia conservadora, apoiada em um poder unilateral, realiza política de desinformação, e desqualificando, criminalizando as políticas sociais, os movimentos sociais e o Estado. Apresenta ainda os funcionários do governo como absenteístas, ineficientes e inúteis, propondo a redução nos gastos de custeio.

Em contrapartida, é impressionante o cinismo por parte dessa mesma mídia e dos seus aliados, os “falcões do orçamento”, que nada dizem a respeito dos impressionantes e volumosos recursos gastos pelo governo para atender ao capital financeiro, aos valores dos subsídios fornecidos ao capital e aos empréstimos privilegiados para os grandes grupos empresariais, como também a respeito da política de não tributação dos ricos e superricos, das mordomias e vantagens fabulosas das remunerações e fortunas e dos benefícios dos altos dirigentes das grandes empresas e de determinados executivos do mercado financeiro, ou seja, os verdadeiros privilegiados no mercado de trabalho, por sua atuação de subserviência e alienação pelo grande apoio que dão ao capital (COSTA FILHO, 2006).

Essa lista de **privilegiados** é também composta por jornalistas regidamente pagos por seus trabalhos de iludir a opinião pública, por profissionais chamados a participar de conselho de administração ou conselho fiscal das empresas, por altos funcionários dos cargos de direção dessas empresas e ainda pelos donos de grandes grupos. Todo esse pessoal apresenta um estilo de vida de exuberância e luxo, recebendo salários extravagantes, suculentos jetons, fartura de brindes nas folgas; recebem ainda aposentadorias suntuosas, ganham vantagens diversas em gêneros e em abundância, muitas vezes pela via da sonegação fiscal legal e até pela via ilegal etc. Para esse grupo de **verdadeiros privilegiados**, ou melhor, **ultraprivilegiados**, o tratamento da mídia revela uma singular admiração, guardando o preconceito vingativo para contra quaisquer funcionários públicos que ousem apresentar um padrão de remuneração um pouco mais elevado (BITOUN, 2002).

Nessa realidade desigual, o conceito de bem comum raramente apresenta conteúdo real, servindo apenas como instrumento de mistificação. Os ideólogos do sistema capitalista procuram incutir a crença na existência de um bem comum, difundindo a identidade de interesses entre as elites e a sociedade, na defesa da

liberdade e da democracia, inclusive como uma bandeira a unir os interesses dos povos na terra. Em contraposição a esse discurso, os atos governamentais continuam favorecendo aos interesses dos grandes capitalistas e seus proprietários, disseminando guerras e degradando a natureza. Diante da crise, o Estado atua para melhorar o desempenho macroeconômico, elevar o nível de emprego e combater a inflação, realizando funções que são essenciais e em benefício do capital, tudo contrário ao discurso da “Era do fim do Estado” (COSTA FILHO, 2008).

Muito embora seja, a cada dia, maior a tomada de consciência a respeito da gravidade da poluição dos mananciais de água potável, da destruição de florestas e da redução da biodiversidade, dos efeitos do uso de combustíveis fósseis (carvão, derivados de petróleo e gás natural) no processo industrial e na geração de energia, fazendo-se necessário e urgente modificar drasticamente a matriz energética atual, não existe uma solução de curto prazo e, muito menos, alternativa para viabilizar adequadamente a solução do problema. O uso da energia hidrelétrica não revela potencial de expansão, e as formas eólica, solar, e os biocombustíveis não possuem abrangência que permita modificar drasticamente a matriz energética atual, de forma que, por bastante tempo, faz-se necessário escolher a “menos ruim” (LANDIM, 2011).

Trata-se, com certeza, de uma época de notórias incertezas em escala mundial. Nosso ponto de vista é que a magnitude e a complexidade da “Crise da Civilização Capitalista”, que põe em risco a própria existência da humanidade, é produto não somente da política liberal de promoção da desregulamentação. A crise é uma conjugação de múltiplas contradições do modo de produção capitalista em escala global, que se assenta em princípios amorais, derivados de uma racionalidade econômica injusta desse modelo de civilização.

O desenvolvimento do capital rentista apresentou seus limites e uma saída em prol da humanidade somente pode ocorrer em um contexto de uma “economia estacionária” que imponha os limites para o crescimento econômico. Todavia, este processo não é viável nos limites e nos marcos do capitalismo, dada a sua dinâmica de acumulação incessante e em decorrência dos valores éticos, culturais e ideológicos vigentes (DIERCKXSENS et al., 2010). Essa crise vai permanecer por longo tempo, até que o sistema capitalista descubra uma melhor maneira de acumular capital e ganhar dinheiro usando a bandeira da “Defesa da Humanidade e da Natureza”.

As múltiplas crises que a humanidade enfrenta na segunda década do século XXI, crises no aspecto econômico-financeiro, na geopolítica, no campo militar, na área de energética, a crise alimentar, a grave crise ecológica, crise na questão de uma falta de ética sem precedentes e também crise no campo social, são uma crise só: a crise do capitalismo. Todo este contexto decorre do desenvolvimento do capitalismo, principalmente ao longo das quatro últimas décadas, que aprofundou características da gênese do capital. Sistema que prometeu e não pôde entregar à humanidade a liberdade, igualdade e fraternidade.

Esse lema do Iluminismo é incompatível com a ótica da racionalidade capitalista e da dinâmica do capital, que não permite nem pode assegurar paz, democracia, liberdade, justiça, de modo a proporcionar dignidade humana e progresso num contexto de harmonia entre os seres humanos e o planeta. Todavia, a “Crise da Civilização Capitalista” não vai levar ao fim do capitalismo. Este modo de produção é altamente dinâmico, flexível e pujante e não desaparecerá tão cedo. Muito pelo contrário, ao sobreviver, deverá inevitavelmente se reconstruir sobre novas bases, devendo a humanidade padecer por muito mais tempo de seus males, e, no seu processo de recuperação, deverá inclusive aproveitar as suas deficiências e as questões ambientais e a degradação do meio ambiente para impulsionar a acumulação de capital e gerar lucros em novos negócios.

4 CONCLUSÃO

Pelo exposto, o capitalismo em crise não perde a sua essência; continua predominante a supremacia do capital - sistema individualista e darwinista repleto de vícios, defeitos e contradições. Diferentemente do discurso do “fim da história”, a história do capitalismo recusa-se a terminar e segue produzindo ironias e paradoxos. Não parece ter lógica, muito menos direção. O capital sem amarras produz crises e semeia contradições.

Esta “Crise da Civilização Capitalista” põe em xeque a própria existência da humanidade, continua fazendo história e segue produzindo ironias e paradoxos, não parecendo ter lógica, muito menos direção, semeando novas contradições.

O capitalismo globalizado representa uma fase do processo capitalista de revolução permanente, negando qualquer autoridade ao passado, negando mesmo as condições que viabilizaram sua expansão. Ademais, tem provocado, cada vez

mais, uma generalizada erosão econômica, ambiental, social, e na conduta da vida pública e privada; reduziu enormemente a influência da religião, propiciando a disseminação da corrupção, tanto no setor estatal como no setor privado, e procura constante e crescentemente alienar os consumidores com a disseminação do fetichismo da mercadoria.

Nessa situação, o estilo de vida ocidental de menos de 20% da população mundial concentrada nos países do Norte consome 80% de todos os recursos naturais do planeta e provoca crise climática, ecológica e aquecimento global, devido à superexploração de recurso e de seu uso de modo irracional. Esta “civilização capitalista”, que em pouco mais de dois séculos tem destruído rapidamente o que a natureza levou milhões de anos para construir, revela uma dinâmica, flexibilidade e pujança que fará com que após esta grave crise desse sistema ele saia mais pujante e fazendo muito mais negócios e dinheiro utilizando e em nome da “defesa da humanidade e da Mãe Natureza”, com todo o respaldo do Estado.

5 REFERÊNCIAS

BARRY, John; ECKERSLEY, Robyn. **The state and the global ecological crisis**. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2005.

BITOUN, Pierre. Os verdadeiros marajás. **Le Monde Diplomatic**, a. 3, n. 26, 01 mar. 2002. [online]. Disponível em: <<http://diplo.dreamhosters.com/2002-03,a254.html>>. Acesso em: 19 fev. 2008.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BREMMER, Ian. **The end of the free market: who wins the war between states and corporations?** London: Portfolio, 2010.

CARCANHOLO, Reinaldo A. A atual crise capitalista. **O Comuneiro**, n. 13, set. 2011. [online]. Disponível em: <http://www.ocomuneiro.com/ii_index.htm>. Acesso em: 03 fev. 2011.

COSTA FILHO, Samuel. O neoliberalismo na economia brasileira. O que é neoliberalismo? **Texto de Discussão**, Teresina, a. 5, n. 10, maio 2006.

COSTA FILHO, Samuel. O processo de globalização e a lógica do capitalismo: a essência do capitalismo ainda é aquela? **Texto de discussão**, Teresina, a. 7, n. 16, jul. 2008.

DIAMOND, Jared. **Colapso**: como as sociedades escolhem o fracasso ou sucesso. Rio de Janeiro: Record, 2005.

DIERCKXSENS, Wim et al. **Século XXI**: crise de uma civilização. Goiânia: CEPEC, 2010.

DOWBOR, Ladislau. **Há vida inteligente no horizonte teórico dos economistas**. 22 abr. 2011. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=17716>. Acesso em: 22. abr. 2011.

FIORI, José Luís. **Um universo em expansão**. 21 set. 2009. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=16156> Acesso em: 21 set. 2009.

FRIEDMAN, Thomas L. **Quente, plano e lotado**: os desafios e oportunidade de um mundo novo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

FUCS, José. Dani Rodrik: “A globalização foi longe demais”. **Época**, 01 dez. 2010. [online]. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI224704-15259,00-DANI+RODRIK+A+GLOBALIZACAO+FOI+LONGE+DEMAIS.html>>. Acesso em: 12 abr. 2011.

HOUTART, François; POLET, François. **O outro Davos**: mundialização de resistências e de lutas. São Paulo: Cortez, 2002.

HUDSON, Michael. **Como o Brasil pode manter seu superávit econômico defendendo-se da financeirização**. 12 abr. 2011. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=16960>. Acesso em: 15 abr. 2011.

JOHNSON, Simon. O caminho para a crise fiscal. **Valor Econômico**, Rio de Janeiro. 07 abr. 2011. [online]. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/arquivo/881519/o-caminho-para-crise-fiscal>>. Acesso em: 07 abr. 2011.

KORTEN, David C. **O mundo pós-corporativo**: vida pós capitalismo. Petrópolis, RJ:Vozes, 2001.

KRUGMAN, Paul. Quando os zumbis vencem. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 dez. 2011. [online]. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/848490-paul-krugman-quando-os-zumbis-vencem.shtml>>. Acesso em: 21 dez. 2010.

LANDIN, Rodolfo. A escolha de Sofia. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 01 abr. 2011. [online]. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/indices/inde01042011.htm>>. Acesso em: 01 abr. 2011.

SACHS, Jeffrey. **Necessidade vs. ganância**: o planeta está no limite. 07 mar. 2011. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=17515>. Acesso em: 07 mar. 2011.